

APULMNERIA

P830



ANNO X

LETRAS - ARTES - MUNDANISMO

RECIFE-PERNAMBUCO

NUMERO 422

23 DE NOVEMBRO DE 1929

DIRECCAO DE: PORTO DA SILVEIRA E FERREYRA DOS SANTOS

I D A

escreveu

AQUELLA

VOZ...

Ouço-te a voz penumbrosa em meu caminho... Taciturna. Como echo que se despedaçasse longe afundando nos silencios... Cantô que se afogasse na superficie silenciosa de alguma agua parada... Presinto porem, nas minhas mãos um contacto de violetas e mangeronas aveludando-lhe os contornos... Nos meus olhos o estygma da ancia de uma esperança que passou... E a voz despedaçando-se no silencio atordoando-o de harmonias extranhas... Com rastros de sonoridade na cadencia lenta... Mas a meia luz é sombra quasi diluida na treva... Vem de voz incendiada, tendo no timbre a chamma das grandes profecias... Desperta uma a uma as minhas illusões mortas... Constroe na minha imaginação um castello de luminosidades, emoldurado pelo sol, para que eu durma e sonhe... Accende a guirlanda de uma chimera que a memoria apagara... Desfaz-se tacteando a treva... Ao contacto das minhas mãos, dos meus olhos, violetas e mangeronas se debruçam meneando gestos e perfumes dentro do silencio...



para

IRENE

SOUTO

MAIOR

S-O-C-I-E-D-A-D-E

ANNIVERSARIOS

FIZERAM ANNOS:

No dia 20—a senhorita Olga dos Santos Silva, filha do sr. Manoel M. da Silva, funcionario do Concelho Municipal; a interessante Ivanize, filhinha do sr. José de Oliveira e de sua esposa d. Hermelinda de Oliveira; a pequena Inalda, filhinha do sr. major José Gomes, funcionario da «Great Western», e de sua esposa, a professora d. Maria José de Andrade; a senhorita Maria José Coelho Pereira, filha do saudoso capitalista Francisco Pereira e de sua esposa d. Albertina C. Pereira; a senhorita Clotilde Carneiro da Silva, filha do sr. Joaquim Carneiro da Silva, commerciante nesta praça e de sua esposa d. Cecilia C. da Silva; a sra. d. Olindina Carneiro de Medeiros, esposa do sr. José Fillemon de Medeiros, funcionario de categoria da firma Herm. Stoltz & Cia., desta praça; a senhorita Aldara Martins de Albuquerque, filha do sr. dr. Guilherme Martins de Albuquerque e de sua esposa d. Helena Carneiro Martins.

No dia 21—d. Izabel Ferreira Campello, esposa do sr. Thomaz Campello, professor jubilado; Maria José, filha do extinto sr. Francisco de Paula Pereira e de sua esposa d. Albertina Zozina Coelho Pereira; a senhorita Maria Digna de Albuquerque Silva, filha do sr. Guilherme Bonifacio da Silva e de sua esposa d. Maria Alice de Albuquerque Silva; a senhorita Maria Lydia Coutinho, filha do sr. Sebastião Coutinho e de sua esposa d. Albertina Coutinho; o *sportman* sr. Luiz Clericuzzi; d. Maria das Dóres Barros de Souza; d. Maria Emilia Pessôa Cesar, esposa do sr. João Oscar Marinho Falcão, director do *Instituto Carneiro Leão*; o sr. Manoel Laranjeiras, do commercio desta praça; a senhorita Lucia Pontual, filha do sr. Pedro Pontual, commerciante nesta praça; Lucilinho, filho do cirurgião-dentista Francisco Beltrão de Andrade Lima e de sua esposa d. Marieta Themudo de Andrade Lima; o sr. Anísio de Coimbra Pinto, agricultor em Palmares; o sr. Francisco Octaviano de Arruda Camara, proprietário em Beberibe.

VIAJARAM

Da Europa para o Recife: o sr. Alfredo Azevedo Carvalho, filho adoptivo do sr. commendador Alfredo Alvares de Carvalho, do nosso alto commercio e do Rio para

o Recife: o senador Estadual dr. Souto Filho e exma. familia.

FESTAS

Teve lugar na quarta-feira a festa do encerramento do anno lectivo do «Gymnasio do Recife» a qual se revestiu de solemnidade.

Na mesma occasião foram entregues os diplomas de guarda-livros aos novos titulandos pela Academia de Commercio. Seguiu-se uma sessão solenne da Congregação e uma parte recreativa.

No Theatro Santa Izabel, realiza-se hoje, ás 15 horas a solemnidade da collação de gráu das novas titulandas do Curso Commercial do Collegio Santa Margarida e encerramento do anno lectivo do conhecido e prestigioso educandario pernambucano.

Será uma solemnidade muito interessante e para a qual foi organizado o seguinte programma:

J. Gomes—*Hymno do Commercio*

ENTREGA DE DIPLOMAS E ANNEIS A'S TITULANDAS

DISTRIBUIÇÃO DE PREMIO
DISCURSOS

Oradora—*Hylda de Amorim*

Paronympho — *dr. Theophilo de Almeida*

HYMNO NACIONAL

1. Parte

I—*Joubert de Carvalho*—Historia de toda gente-canção alumna Yara Portella.

II—*Monologo*—Alumna-Ivanise Marques Vieira.

III—*Heckel Tavares*—Canto do sabia - alumna - Nilsa Alves da Fonseca.

IV—*J. Freitas*—Quero casar - Cançoneta - alumna - Maria Lucia Cintra Amaral.

V—*J. de Carvalho*—Os dois caminhos - alumna - Maria Luiza Lins e Silva.

VI—*Versos*—Alumna Iva Montenegro Chaves.

VII—*Heckel Tavares*—Casa de Cábôco - alumna - Maria Pia dos Santos Guedes Pereira.

VIII—*Spartaco Rossi*—Madrugada na roça - Um grupo de alumnas do Curso Primario.

IX—*Canções*—Geninha.

2. Parte

I—*Villa-Lobos-Polichinelo*—Piano-alumna - Oza de Lyra Vaz da Silva.

II—*Versos*—Alumna - Eunice Galvão Antunes.

III—*Stojowsky*—Serenata - op. 8 nº. 3 - Piano - Fernanda Costa Lima Porto Caminha.

IV—*Maria*—Tango Argentino - alumna - Maria Pio dos Santos Guedes Pereira.

V—*Solo de violão*—Alfredo Medeiros.

VI—*Canção Rosa Maria*—Versos de Ferreyra dos Santos - Musica de Elvira Lima -Vicente Celestino.

A orchestra será dirigida pelo prof. João Andrade.

Para assistirmos a solemnidade fomos distinguidos, hontem, com um convite que nos foi trazido pessoalmente por uma commissão composta da exma. sra. d. Adriana Pereira, do dr. Theophilo de Almeida e das alumnas Hilda Amorim, Fernanda da Costa Lima e Maria Pia Guedes Pereira, gentileza a que somos gratos.

DIVERSAS

O sr. Augusto Wanderley Filho, vem de entregar ao publico o seu «Album Infantil»—o livro das creanças—que sob a sua organização e direcção foi editado pela empresa Pimenta de Mello & Cia., do Rio de Janeiro. O «Album Infantil» que reune com 126 paginas interessantes historias e numerosas photographuras tem um acabamento perfeito e esta destinado a todo o exito nos nossos meios infantis. Está á venda nesta cidade.

Terá lugar amanhã na matriz da Soledade a primeira communhão das creanças do catholicismo daquella parochia sob a direcção do revdm.º padre dr. Francisco Salles.

A primeira communhão será dada pelo exmo. arcebispo d. Miguel Valverde e terá lugar ás 7 horas.

Com um sortimento modernissimo de perfumarias, artigos para presentes, brinquedos etc etc, esta estabelecida a rua Nova, n. 209 a firma Lindolpho Silva & Cia.

O novo estabelecimento é uma continuação da casa *A Nova Magnolia*, muito conhecida nesta capital e que dispõe de uma excellent e numerosa clientella. Visitando-se o novo estabelecimento tem-se uma impressão agradável pelos escolhidos e variados artigos expostos.

A Orchestração da opera O PALHAÇO e HAMLETO da minha existencia

A cavatina da infancia:

Tempestades de estrellas na decoração theatral da minha infancia
Naufragio de sóes illuminando o prado de lirios e açucenas
Regatos murmurando. Cotovais da manhan. Cantigas de toda a
natureza

O sol brilhando, brilhando, céu azul em fora
Eu era menino e não sei de mais nada

A symphonia da juventude:

Formas nubes de mulher estorcendo-se às labaredas do peccado
Creações phantasmagoricas de todas as illusões do mundo
Vozes moças cantando no ambiente movimentado.
Instrumentos de nervos vibrando em todo canto.
A mocidade passa... A juventude é assim.

O canto gregoriano da senectude:

Enfeitaram de goivos a paysagem toda
Tempestades de néves caem nos meu cabellos
Tempestades de vento circulam em torno do meu castello roman-
tico
outrora nimbado de naufragio de estrellas
A canção serena da tarde derrama nostalgia no curso da minha
vida.
O palhaço soluça porque a dor matou a sua radiosa alegria
do mundo
Hamleto sorri á beira da sepultura de Ophelia
Minh'alma vae para um convento; vae, vae para um convento.
Desce o panno do theatro serenamente...

DE OLINDA PARA VOCÊS...

Bal-Paré

—Dá licença?
 “—Pois não...”

E Melle. moveu seu corpinho de seda sobre a poltrona incommoda do vime. Na teta, um galã americano disfarçado em pirata fazia, às estrepolias, a delicia dos fans. Sentei-me. Junto, melle. conversava com uma loira de olhos cõr de outomno. Eu sempre tive um fracõ pelas loiras. Por essas loiras languidas e sentimentaes como as walsas de Strauss... De olhos cõr de chá. Ou cõr de outomnos azues...

—Meninas *five ó cloek tea*, de cabellos feitos de *crackmel*. E olhares castanhos, dum *Lipton* que nem *the King Jorge* toma nos *lunchs* de *Buchingham Castle*. Certa vez, no *Country*, um respeitavel britânico (conservador, já se vê) mandou-me tomar café unicamente porque eu lhe chamei a atenção para uma loirinha que comparei muito liricamente com um *thé dansant*...

Mas a loira não me interessava. Porque coisa alguma mais me interessou como o facto de melle. estar junto a mim. Cruzei os braços e cruzei as pernas. Só não cruzei o meu olhar com o della. (Melle. é muito sizada.)

A' meia luz discreta reparei em sua *toilette*. —Um costume de seda preta com flores de prata, rendas finissimas de fio d'Escossia, sapatinhos circumspectos de verniz preto. Um decote muito aberto e muito branco. Um collo esbelto como os cysnes de Lepanto. Muito *baion* e pouco *pastel*. E sobre os hombros lindos como um sonho de Phidias o contrabando encantador de um *mantõn* das Espanhas...

Melle. conversava. Tem gostado muito, muitissimo de Olinda. Eu sei porque. Ainda pela manhã, no banho, surprehendi um *flirt* escondido nos olhos d'agua de melle. Depois, durante as regatas, á tarde. Justamente quando o sol se abysmava, como um *wiking*, entre chammas, na galeira escarlata do crepusculo. E melle. nem suspeita que eu sei até demais porque ella gosta assim de Olinda, do verão e... do resto... E que eu sei tambem que, outro dia, em certa calçada á beiramar, havia qualquer coisa escripta em letra feminina, assim: “Eu atirei minh'alma aos seus pés; e elle limpou os sapatos com ella...”

Melle. vae ao baile. — Um baile quasi burquez e quasi provincial que se offereceu, no dia da Republica, ao prefeito.—Vae. Mas, antes disso, irá dar um passeio pela retreta. O *kiss end*, chapa official dos *films yankees*, encerrou a sessão. Melle. levantou-se. E foi sahindo naquelle seu passinho leve e macio de tango argentino. Eu sahi tambem. Sahi e fiquei pensando, de pé á porta do Cine, como uma cegonha. Pensando nessas meninas da epocha. Que vão dum cinema pacato para um baile de alta-roda. Apenas com o intervalo de um passeiozinho burquez pela retreta...

O dia 15 foi um dia gordo. Cheio de manifestações e de discursos. A' noite elle vestio um *smoking*, calçou uns sapatos de verniz e foi ao baile.

An es, porém, passou pela retreta. Lá esta-

vam as Maranhão. Quatro porcellanas de Sévres. Cutis macia e transparente como as chavenas *made in Japan*. Num sorriso claro de *sunrise*. Então você, Lisette, quando ri, parece ter entre os dois crepusculos sangrentos dos labios de seda uma enfiada de pedacinhos de luar...

Lá vem Elza. Elza é “perrepista” e linda. Perrepista porque veste sempre de azul. E linda porque tem um porte de *moussmé*, e uns olhos de missanga, e umas mãos morenas de pellucia florentina...

—Allô! Alahyde, bõa noite!... Mas... Quem é esse feio magricelas, com uma cara de bonzo, alto e esguio como um espargo de oculos?...

Bal-Paré. *Smokings* discretos. Luzes. Labios historicos. Uma myriade de pernas enchendo os salões. Pernas de curvas suaves.—Colamnatas de Byzancio cobertas de seda. E, a pairar pelo ar electrizado, a demencia dum *jazz-band* endemoninhado... Melle. chegou um pouco mais tarde. Mas, melle. é assim. Tem esses *its* finos de elegancia. Um atrazo, uns fios de cabelo em desalinho negligente, e um ondear de ancas rythmico como um alexandrino.

Quando ella chegou ao portão do palacete da Av. Sigismundo Gonçalves, eu tive a sensação de ter deante de mim a *Faynce* morena de Peggy Udel, essa *girl* incrível que os de *Hollyowod* inventaram p'ra fazer raiva a gente...

O Miguel dansou demais com Helena. Melle. X assestava o *lorgnon* elegantissimo sobre os olhos sombreados a *crayon*. Talvez desconfiasse. Muita gente notou aquillo e houve o commentario indispensavel e “discreto” das *soirées galantes*. São adoraveis esses commentarios... —Olha, N, Já pela nona vez o L. dansa com a S... —“Oral aquillo é um nunca acabar de idyllios...”

No *buffet* era um movimento constante. O Nelsõn tem ideias automobilisticas. Se lhe perguntam porque tem tanta assiduidade em ir ao *buffet* elle responde num rizo amarello:

—“E' preciso, meu caro. E' preciso lubrificicar com *wiskey*. *Beer* é combustivel... *Gin*-fluido para as baterias...” Homero (não é o poeta), ex-discipulo de D. Bosco, é agora emulo de Baccho. —“Pouca differença”, julga elle sem malicia. Na *terrasse*, ingeria, calmo e fleugmatico como um súdito inglez, seu copito de *White Horse*.

—Não dansa, Homero?
 —“P'ra que? Assim tira o “efeito” *Bebe que te fa bene*...”

—Humberto, você não dansou agora, hein? Pois olhe: *Broadway Melody* é um *fox-trot* melhor do que *You were weante for me*. Não acha? —Sabe? Wanda, depois que se dansou *Tia Juana*, quer ir embora. Porque pizaram-lhe bestialmente os pés... Eu sei que não foi você, homem!... O R. de ha muito espreita Melle. D. Agora tomou coragem. E vae rasgar-lhe a graça desta walsa.

—Melle., quer...
 —“Sinto muito, mas... não o conheço...”
 — Isto é o menos. Eu me apresentarei: —R. M., poeta...

— Já sei... O senhor é aquelle idiota que me dedicou uns versos lindos... Não é?...

RELATIVIDADE

Na meia-luz do aposento
 lindo como um sonho de criança
 entre a polychromia de sedas perfumadas
 e penumbras
 de crystaes
 e de perfumes...
 eu enlacei no concavo da mão
 um busto de mulher
 que um artista-poeta
 esculpira em porcellana côr de iogo...
 e nos labios quasi vivos
 o bibelot de faiança
 eu aspirei longamente
 profundamente
 todo aneio emocional do beijo
 que *Guerlain* synthetisou
 na creacção de um perfume...

e a violencia desordenada
 dos grãos microscopicos da essencia
 d...e...s...l...i...s...o...u...
 nas minhas fibras olfativas
 e foi metralhar-me
 os sentidos
 numa batalha interior
 de energias acorrentadas
 e violencia adormecidas...

e quando a locomotiva do raciocinio
 descarrilhou
 na estrada
 dos Deslumbramentos...
 ella veio
 entre emocionada e curiosa
 aspergir-me a face
 com as gottas d'agua
 do espanto e do receio...

Coelho de Almeida

escreveu

O

poema

e na sua ingenuidade
 queria saber o motivo
 d'aquillo

e confessou contrafeita
 que tivera medo
 de me perder...

esquecida
 de que é no boudoir da minha vida
 um frasco de perfume
 que *Guerlain* nunca sonhou
 formular
 mas
 que me entontece
 e me embriaga
 a vida inteira...

Guilherme de Almeida

emprestou

a

emoção...



Sede da A. P. A. na Avenida Ruy-Barboza

A A. P. A. é na hora que passa a demonstração mais punjante do ideal de perfeição-physica em terras pernambucanas.

Foi um sonho grandioso de um pugilo de luçtadores acendrados pelo ideal de uma Pátria Forte, de um Brasil Melhor...

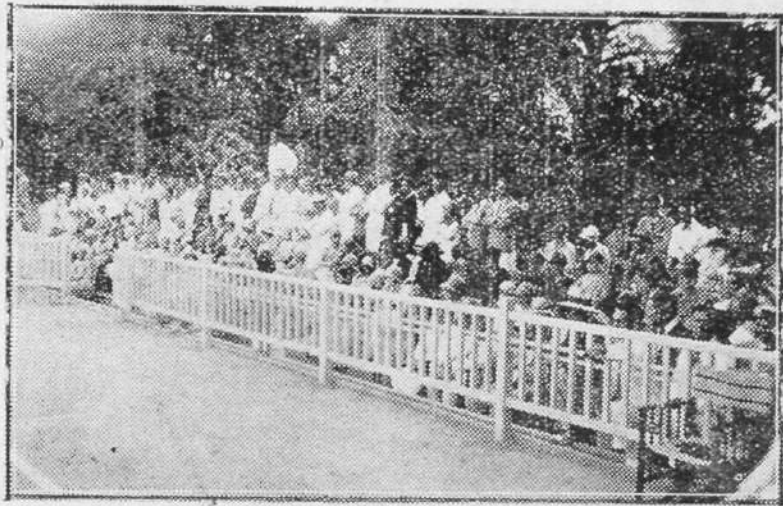
Parte da assistência ao torneio interestadual de Tennis



Mlle. Connie

o archanjo protector da
Connie foi tambem a prim
ceu de Pe

ANA DE ATHLETISMO



O que de melhor a nossa sociedade possui, foi outro dia "torcer" pela vitória dos tennistas da A. P. A.

E o sonho de Esdras Barboza, Arnaldo Almeida, Avelino Cardozo, Saul Antunes, Aloysio Santos, Luiz Atlas e outros, transformou-se num ESTADIUM admirável onde a nossa sociedade retempera os músculos, revigora o cérebro, e sente maior o coração... Porque contemplando a realização de fé e de esperanças que é a Associação Pernambucana de Athletismo, a gente sente um orgulho muito grande e um amor ainda maior pela Terra em que nasceu.

Outro grupo de "torcedores" a espera dos "back-hands" e "services" elegantíssimos...

Bras da Cunha

...sociedade da A. P. A.
...a misse que viveu sob o
...ambuco...



A. P. A.

Vista dos
tres «courts»

de
Tennis
da

A. P. A.
durante

o

Torneio
interestadual

a que

concorreram

Bahianos,

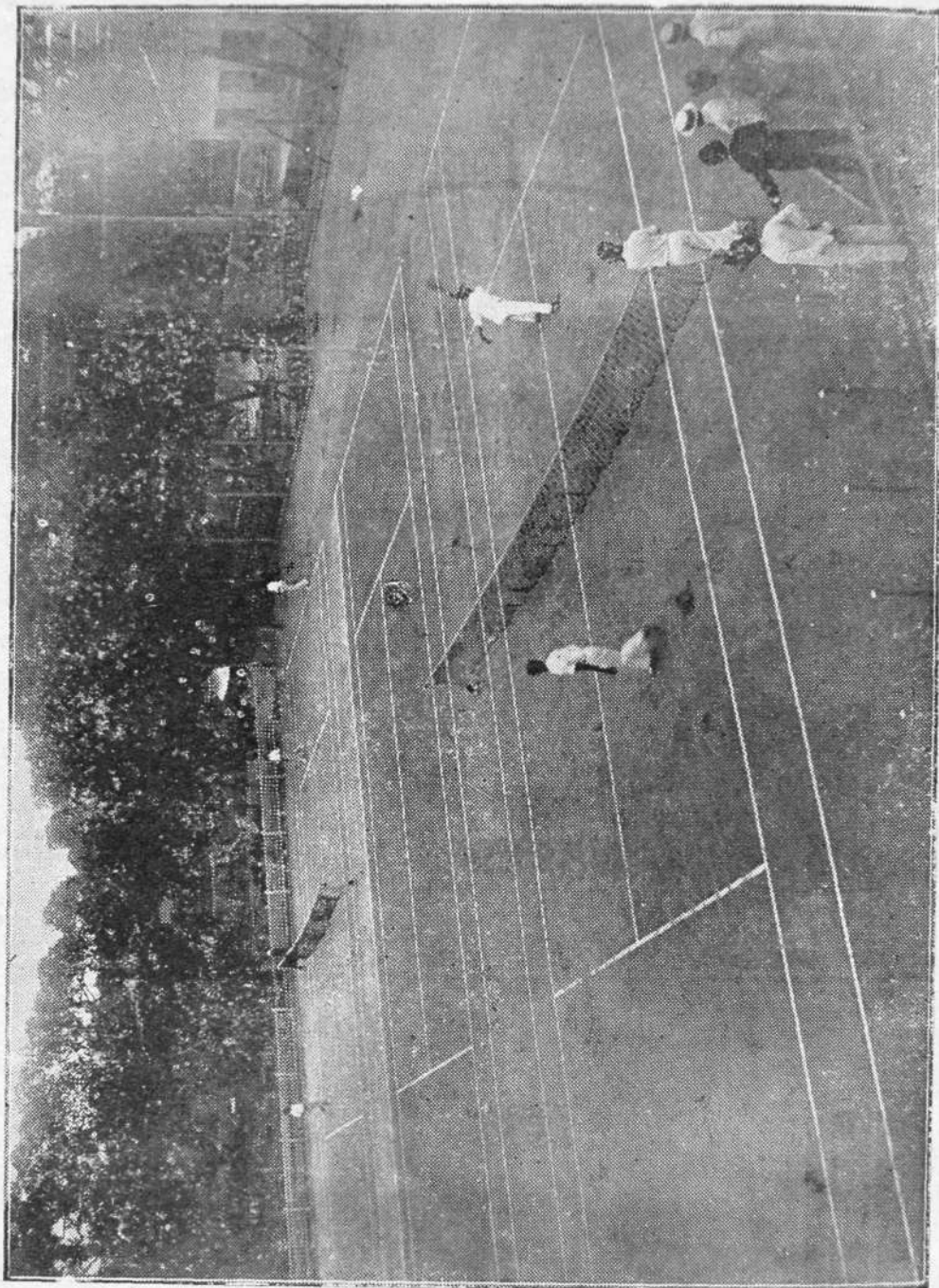
Alagoanos e

Inglezes

do

Country

Club



Historia do Cabaret

por Magalhães Junior.

OS violinos soluçaram. Uma onça de sons voluptuosos encheu o ambiente, accendendo desejos morbidos de amar e soffrer. Todo o cabaret applaudia freneticamente o ultimo tango argentino, quando Gustavo olhou para uma mulher, que se achava a um canto, sem beber, sem dansar e—o que lhe pareceu melhor—sem companheiro.

A mulher, sentindo-se observada, dirigiu-lhe um sorriso vago e triste.

Gustavo sorriu tambem e pensou, interiormente, que aquella mulher devia ter algum mysterio na vida. Não ha nada que tanto prenda um homem como uma mulher mysteriosa.

O ingenuo estudante de direito, sahido do candido ambiente provinciano para a vida tumultuosa da grande cidade, experimentava a emoção da sua primeira noite de cabaret.

Entrara medrosamente, timidamente, sem coragem de encarar os frequentadores do cabaret, temendo lêr em cada semblante uma reprimenda á sua acção.

A entrada, cobraram-lhe 5\$000 e deram-lhe uma «consumação». Elle não sabia o que significava. Pediu explicações e todos desandaram a rir, deixando-o ainda mais acanhado.

Sentou-se á uma mesa visinha á orchestra e tomou um White Horse. Mais outro. E outro mais. Dahi em diante, começou a sentir-se desembaraçado, com animo para fitar as mulheres.

Aquelle sorriso, vago, triste e mysterioso, e mais um «wiskey» impelliram-no a um gesto que elle próprio admirou, enchendo-se de vaidade.

Convidou para a sua mesa a mulher mysteriosa. E ella acceitou, com outro sorriso, triste e vago.

Gustavo sentiu-se radiante. Elle, que acabara de ler o «Dom Juan», andava com a cabeça cheia de frases amorosas e já se imaginava um heróe semelhante ao de Byron.

O amor, conhecia-o apenas na litteratura.

Tinha a mania de lêr novellas apaixonadas e livros sobre assumptos sexuaes, como os de Mantegazza e Forel. Ia fazer a sua estrêa e de antemão estava convencido de que seria um dos grandes amadores, cujas aventuras passam á historia, transformadas em lendas.

A mulher, tomando assento á mesa, pediu bebidas. Era argentina e louca por tangos e «wiskey and soda».

— Te gusta el tango?—perguntou a mulher do sorriso mysterioso e triste.

— Gosto dos tangos e das argentinas... — replicou o ingenuo galã.

— Trienes buen gusto, muchachito mio. Por lo que me toca, soy loca por los brasilenos. No hay hombres más guapos que esos morenitos como usted...

Gustavo sorriu, lisonjeado. E tomou mais um «White Horse». A argentina tomou dois. E pediu ao maestro que tocasse um tango novo.

O estudante lembrando-se do mysterio indagou:

— Tens uma historia. Leio nos teus olhos e no teu sorriso triste que tens uma historia... Conta-me a tua vida.

— Sea... Pero, es muy triste mi historia muchachito de oro. No te gustará escucharla...

— Conta-me anda...

— Garçon, deme uma bebida... Ora, muchachito, porque hablaremos de cosas poco alegres en esto ambiente?

— Dize...

— Sabes? Los hombres son muy malos... muy malos... Escucha: mis padres murieron, dejandome huerfana, muy chiquilla... Maestro que tango és lo que usted acabó de tocar?

— «Caperucito rojo...»

— Mirate... yo fui... yo fui como la niña del caperucito rojo... Un dia, em una plaza oscura, llegó

el lobo y me devoró... Garçon otra bebida...

— E depois?
— Después, así seguíó muy triste vida. De hombre para hombre, de sufrimiento para sufrimiento, de desgracia para desgracia... hasta llegar donde me encuentras.

— Pobresinha...
— Garçon, otra bebida... Ai, no calculas, mi muchachito, como yo tengo padecido, sirviendo de juzgnete a los hombres...

— Não chores...
— Déjame llorar, que hace bien al corazon... Déjame llorar... Hasta ahora, yo no encontré un hombre que me amase, que me amparase...

— Pois ouve: estou começando a gostar de ti...

— Eso, todos lo dicen. Y, después de una semana, um mez, adios, hasta nunca!... Garçon, otra bebida...

E assim proseguiu a mulher mysteriosa. Duas palavras, dois soluços, duas bebidas...

Fazia-se tarde e Gustavo pediu a conta, 126\$000.

A Argentina havia esgotado um stock de «consumações».

Embora admirado com os cifras da conta, que nunca julgara tão elevadas, Gustavo teve o escrúpulo de não reclamar. Pagou deixando ao criado uma gorda gurgeta.

Logo que foi paga a conta, a argentina pediu um «momentito» e se escapou.

Gustavo esperou-a. Mas a demora prolongada da argentina o impacientou. Resolveu ir procurá-la. Andou por todo o cabaret e encontrou-a, afinal, a discutir com o «caixa».

Approximando-se silenciosamente, pôde então ouvir:

— Usted no és serio. Mi porcentaje és veinte y cinco mil reis. Si, porque el imbecil que yo seguré pagó cento y veinte e seis...

Bem parecera ao bisonho Gustavo que aquella mulher, de sorrisos tristes, tinha o seu mysterio...

Theatros e Cinemas

Continúa se exhibindo no Theatro Moderno, a Companhia Brandão Sobrinho—Vicente Celestino obtendo franco successo. Esta semana em *première* foi encenada a alta comedia *Moças de Ho-* *mière*, talvez uma das melhores peças do repertorio. Agradou geralmente sendo de justiça destacar o trabalho das sras. Ismenia dos Santos, e Lais Areda e dos srs. Brandão e João Celestino. Casas regulares. Hontem foi o benefício de Brandão So-

brinho, com o *Maluco de Olinda* e um acto variado.

O Theatro esteve a cunha. O *Maluco de Olinda* é uma peça interessante, cheia de qui pro cós e destinada a exito de bilheteria. Segunda-feira com a *Rosa Vermelha*, de Samuel Campello e Waldemar de Oliveira, fará sua festa o tenor V. Celestino, tudo fazendo crer que dadas as sympathias deste artista o publico prestigie a sua festa. Na terça-feira será a festa da apreciada artista sra. Lais Areda. *Cabeça Bonita* em *première* foi a peça escolhida. Artista muito querida da nossa platêa deve ter uma esplendida festa.

A PILHERIA

Numa noite de inverno...

— E' de balde que espéro...
A noite está tão fria!
tão fria!...
E anda lá fóra, entre as brumas da noite,
a balançar as arvores, o açoite
da ventania...

E eu sei que não virás...
Nestas noites de chuva,
há tanta escuridão ahí pelas calçadas:
Neblinas... nevoeiro...
— E as aguas empoçadas
da rua?

Ah! esta noite não vens... é certo!
F hei de ficar sosinho...

— sem o ardor do teu beijo em minha bocca
ansiosa!
e o calor do teu corpo em meu leito deserto!...

Não virás! não virás...
Hei de ficar sósinho...

— E há-de pungir-mo o peito a falta de um ca-
rinho!
e há-de ênervar-me a carno este triste aban-
dono!...

Não virás... não virás!

E' de balde que espéro!
com os olhos tontos, languido de somno!...

...e nessa inquietude e nesse desvario,
enquanto as horas lentamente passam,
nesta alcôva deserta os meus braços abraçam!
a sombra e a solidão do teu canto vazio!...

(Recife-1929)

Américo de Oliveira



No mez de Setembro último, foi inaugurado na Cruz Vermelha Brasileira, do Rio de Janeiro, um serviço de molestias Ano-rectaes e tratamento de Hemorrhoidas sem operação e sem dor, pelo processo dr. Raul Pitanga dos Santos. Na photographia acima vê-se o dr. Raul Pitanga dos Santos (o de branco) chefe do dito serviço, e seus dignos assistentes drs. P. Moraes, José Santos Dias, M. B. Santos Dias, Victor Sá e A. Dourado.

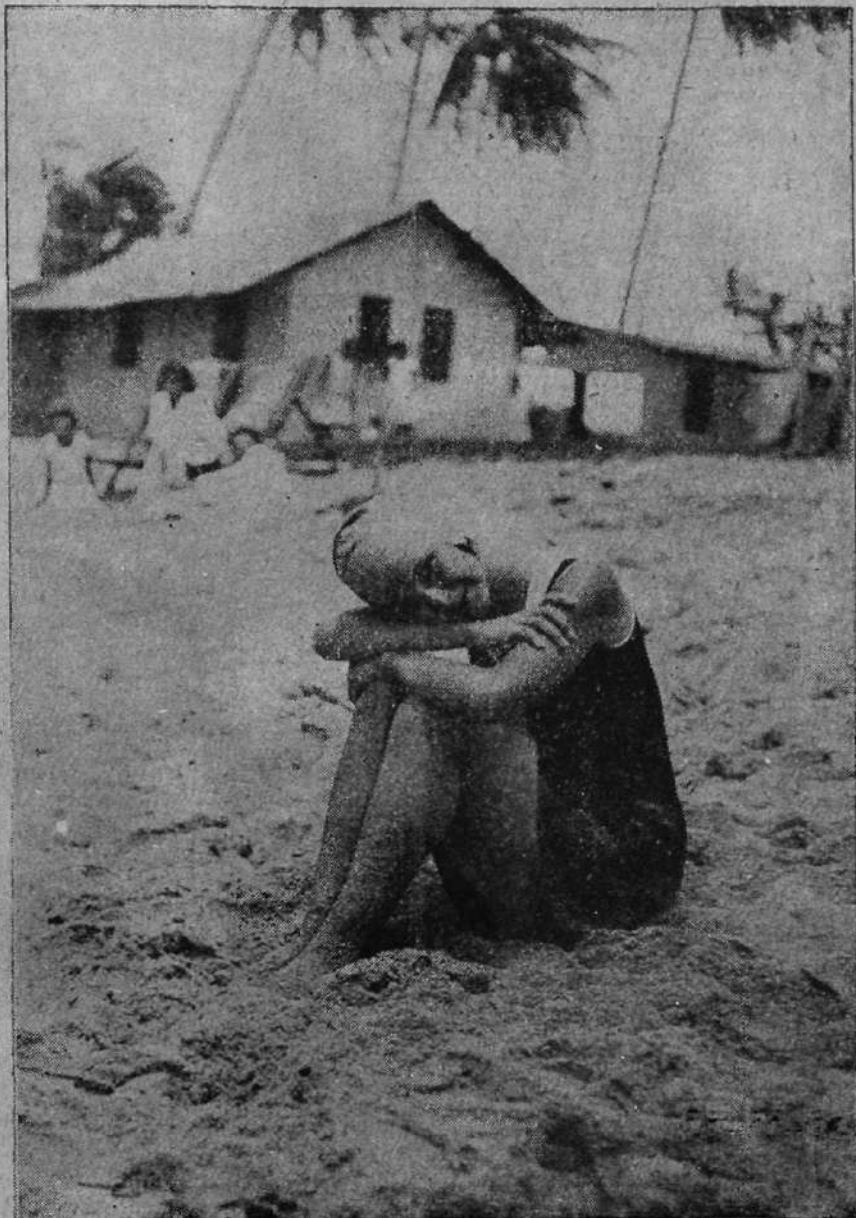
Será inaugurada hoje pela Cia. Générale Aereo-postale, a linha de passageiros nos seus aviões que partindo de Natal percorrerão o litoral brasileiro attingindo Montevideo e Buenos-Ayres. A esta iniciativa da importante companhia não se poderá recusar os maiores applausos pois que vem concorrendo de modo decisivo para uma ligação mais rápida entre os Estados do nosso paiz e as republicas visinhas.

Accresce ainda que a C. G. A. cada dia mais se impõe a consideração do nosso publico pela rapidez das suas viagens e regularidade de suas linhas. Ainda recentemente a imprensa referio com detalhes o facto curioso de serem lidos aqui em Recife nas segundas-feiras as edições dos jornaes cariocas do dia anterior.

Dado começo ao serviço de transporte de passageiro a C. G. A. estabeleceu um accordo com a Assicurazioni Generali de Trieste e Venezia que se encarregara de segurar os passageiros contra riscos de morte e invalidez.

Tudo isto diz muito alto do proposito da C. G. A. em proporcionar aos seus clientes o maior conforto possivel.

Ainda recentemente a C. G. A. iniciou um serviço de correspondencia aerea para as cidades de Nazareth, Timbaubá, Victoria, Caruarú, Garanhuns, Limoeiro e Goyanna, de modo que os habitantes destas cidades, poderão facilmente ter as suas cartas ou encomendas enviadas com presteza desde que as depositem nas agencias locais até as quarta-feiras e esta por sua vez as enviará para o Recife para alcançar as malas postaes.



S Eu preciso de alguem que cante em minha vida
O credo da ventura e da alegria.
Alguem que tenha os olhos milagrosos...
Que povõe a minha vida tão, vasia!

U Eu preciso de alguem que povõe o meu sonho.
Eu preciso de alguem... Eu preciso de alguem...

P Sou o rapaz mais pobre da cidade
o mais tristonho
porque não creio na felicidade.

I E tenho nos meus olhos a doçura
de uns olhos verdes que me entreceram...
Mas, coitado de mim! outros olhos castanhos
o brilho desses olhos mereceram.

C Uma desillusão nada me custa...
Eu vivo sempre na desillusão...
Tenho porem uma alma tenho sonhos...
e tenho coração!

a Eu preciso de alguem...
Eu preciso de alguem!...

MARTINS

VARELLA

Um
lindo
fragante
da
praia
de
Olinda

Um

guez

grande

em

artista

Pernam

portu-

buco



Encontra-se desde hontem, entre nós um artista portuguez o tenor Lomelino Silva com larga carreira pelos melhores centros musicaes da Europa e da America. Este artista vae realizar em breves dias dois concertos que serão a continuação de uma longa e feliz tournée que vem fazendo pelo Brasil.

Ultimamente Lomelino Silva alcançou grandes triumphos na America e California, tendo o jornal "La Follia" de Nova York, escripto que o successo foi extraordinario e que não é sem razão que Lomelino Silva é conhecido no mundo musical pelo "Caruso de Portugal".

O importante jornal "New York Herald" and Tribune tambem de Nova York disse que é um tenor que tem sido aclamado nas terras latinas e Estados Unidos devido ao timbre lindissimo e inesgotavel da sua voz, e ao seu sentimento enorme.

Recebemos hontem a visita deste illustre artista que commosco se demorou em cordial e agradavel palestra.

UMA COLLECÇÃO COMPLETA

JORGE MASSON



Depois que me havia barbeado, o barbeiro tomou uma lanceta e se aproximou de mim.

— Que vae fazer — perguntei-lhe.

— Apenas isso: firmar meu trabalho — respondeu-me. — Desde honrem, e devido a um accordo do gremio, todo o corte de cabello toda barba, etc., tem que ser firmada... Portanto, permitta-me...

E novamente aproximou a lanceta de minha cara, não sem molhal-a, antes, em um liquido mysterioso.

— Não! Absolutamente não! — protestei. — Commigo não firma cousa alguma!

— Está bem — disse-me então, o barbeiro. — Mas uma vez que não aceita minha firma, peço-lhe que não volte a se barbear em meu estabelecimento.



Esse caso foi que despertou em mim a mania pelos autographos, que experimentei, depois, durante quasi toda minha vida.

Já pensando no agradavel de chegar a ter uma boa collecção, quando, de repente, me senti derribado no chão, e perdi os sentidos. Ao voltar a mim, fui informado de que acabava de ser atropelado por um automovel, e ouvi um transeunte dizer:

— Que sorte têm algumas pessoas! Ter sido atropelado pelo automovel do presidente da Republica!

Só então comprehendí os bons auspícios com que começava minha projectada collecção de autographos. Já possuía a firma do primeiro magistrado da Nação.

FINADOS

Os siãos das nossas egrejas dobram a finados... Finados.. Instantes de meditação, momentos de recordações tristes... Dia em que a humanidade esquece a agitação turbilhonante da vida para meditar sobre a memoria daquelles que nos deixaram. Daquelles que se foram receosos da lucta — os moços; e daquelles que se foram cansados de luctar — os velhos.

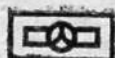
Vestes de lucto. Corações de lucto. Almas cobertas de crepe. Do crepe que a saudade depõe todos os annos sobre os nossos sentidos.

Ha como que uma pausa de vida, uma nascose de sensações, em todos os seres, em todas as almas.

Dobre a finados — lagrimas de som que a nossa alma veste do alto das cathedraes dos nossos sonhos e das nossas illusões...

Dobre a finados — corôa de flores com que os vivos revenesciam os mortos...

Dobre a finados — certeza acabrunhadora do pouco que valemos ante a grandeza do que queremos ser...



Quando, em consequencia desse accider te, me cortaram a perna, me senti confortado deante do facto de o eminente doutor Knoch, que levou a effeito a operação, ter tido a amabilidade de lançar sua firma em sua obra,

Isso fez crescer ainda mais em mim a mania dos autographos. E quando, um mez depois, parti para Marrocos, como correspondente de um jornal festivo, não liguei importancia ao facto de ter sido ferido por uma bala perdida, só pela satisfação que, naturalmente, me causou a visita que me fez, no hospital, o general Lyantey, que firmou minha cicatriz.



Desde então, minha affeição ao autographos degenerou em uma especie de loucura. Fiz-me operar de apendicite, sem nenhum symptoma dessa enfermidade, só pelo facto de obter a firma do conhecido medico Charcateaur. A seguir, mandei que me cortassem o braço e a perna, sob pretexto de recobrar a simetria, mas em realidade apenas para obter a firma dos cirurgiões em inoda. Tambem me reconciliei com o barbeiro e desnecessario se torna dizer a vocês que era para mim um grande prazer ostentar em minhas faces infinitas firmas das innumeradas barbas e cortes de bello que fizera. Meu corpo está cheio de cicatrizes e de firmas. Espero que minha collecção seja a mais completa do mundo.



«Senhor presidente da Republica: Tenho o pesar de communicar a V. Exc. que sou o assassino da velha estrangulada no café da Paz. O movel do crime? Muito simples: faltava-me para minha collecção, firma do verdugo, e espero obtel-a si os tribunaes de justiça souberem cumprir com seu dever.»

A PILHERIA

Revista semanal

Propriedade da S. A. "A PILHERIA"

DIRECTORES:

Dr. Alvaro Ramos Leal
Alfredo Porto da Silveira
Eugenio de M. P. Barreto

Assignaturas:

Brasil—1 anno	48\$000
6 mezes	25\$000
Exterior—1 anno	65\$000
6 mezes	45\$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas.

A "A Pilheria" circula aos sabbados

E verdade, que fim levou o Amancio? Falámos em tanta gente e nem uma palavra sobre aquella grande alma sonhadora!

— O Amancio? Pois não sabes? Foi envolvido numa aventura extraordinaria, de um pintoresco inedito, saborosissimo! Imagina que está preso como falsario!

— O Amancio?! Como falsario?!

— Sem tirar nem pôr,

— Mas um homem tão honesto, incapaz do menor deslize — falsario! E que falsificou o pobre. aiinal?

— Deixa-me contar a historia desde o começo. Olha que vaes rir ou chorar, não sei.

O Amancio era, como dizes, um sonhador. Lia muito, sobretudo livros de viagens, e vivia erguendo na mente castellos fabulosos.

Tanto lia e falava em viagens, que acabou desejando ardentemente conhecer outras terras. Mas como, si não era rico e o empreguinho que ruminava no ministerio mal lhe dava para a pensão?

Não havia remedio, era viajar pelos livros, acompanhando, quando muito, no mappa, o roteiro ideal.

De tanto investigar a vida estrangeira, acabou perfeitamente senhor dos usos e costumes de todas as grandes cidades modernas.

E conversava sobre o que aprendera nos livros, com a proficiencia de um homem que não fizesse

outra cousa, ha muitos annos, seião andar com a mala ás mostr's, de hotel em hotel, por todas a capitães do universo.

Certa vez, numa roda, conversava-se pintura, quadros celebres, galerias de arte. Ruy Alves, muito viajado e com pretensões a dilettante «raffiné», contou o extase em que permanecera, minutos sem conta, em frente á «Jeune fille effeuillant une marguerite», no museu do Louvre...

— Perdão, atalhou o Amancio, comprehendendo sua admiração pela obra magnifica de Greuzer; agora esse quadro não está no Louvre, mas em Londres, no Guildhall.

Ruy Alves não quiz ceder: — não senhor, não tenho a memoria tão fraca, foi no Louvre que o vi.

Travou-se forte discussão. Amancio, com o olhar incendiado, começou a descrever a sala em que se encontrava a obra prima, precisou detalhes; e o contendor, que argumentava, provavelmente, por simples snobismo, teve de se dar por vencido.

— Realmente. E' o senhor quem tem razão. Não ha duvida, é no Guildhall.

O Amancio triumphava. E quando Suz elogiou-o pela sua maneira intelligente de «viajar», pondo em tudo a acuidade do seu incomparavel espirito de observação, Amancio quasi estourou de prazer. E sahio dalli meio na duvida — si teria ou não realmente percorrido a Europa.

A nossa roda mostrou-se admirada com aquella erudição e abraçou-o com sincera amizade, felicitando-o pelo quinhão que dera no Ruy, rapazinho enfiado, que nós todos detestavamos, por ser rico e levar uma vida superior.

— Ora, o nosso Amancio, o nosso grande viajante! Dentro em pouco, acostumavamo-nos áquella sciencia de viagens — os grandes homens não podem ter amigos intimos! — e não mais nos impressionavamos com as longas descrições, com que nós entretinha, das cousas mais interessantes de remotas paragens.

A mania do pobre rapaz acabou enervando-nos e começámos, como se diz, a tomar uma assignatura em cima delle.

Tudo era pretexto para fazer-lhe uma consulta. Reunia-se em Melbourne nm congresso de exportadores de pelles de kangurú, e iamso logo pedir ao Amancio informações sobre as capitães australianas. Líamos no serviço telegraphico dos jornaes que se dosencadeara um tufão no porto de Vigo, que a grippe estava assolando Calcutá ou que o general rebelde Fu-Tchin-Lo iôra batido em Shanghai, e o Amancio prestava-se, radiante, a falar-nos dessas cidades.

Por fim, acabou desconfiando da peritida. E quando demos em chamal-o — o nooso Julio Verne, zargou-se deveras. Não nos falavamos mais. Estava brigado com a roda.

Um bello dia, surgiu-me por casa, victorioso.

— Vocês andavam brincando commigo, mas agora hão-de roer-se de inveja: — parto, por estes dias, para a França. Finalmente, vou ver Paris!

Pensei que tivesse enlouquecido. Pobre moço, no que dera a mania das viagens!

Mas o Amancio mostrou que estava no seu juizo. A cousa era simples — herdara trezentos

O homem que havia cor

CHRISTOVÃO

contos de um tio fazendeiro e agora ia correr mundo. E, já camarada, esquecido das antigas rusgas, abraçou-me à saída, meio commovido: — hei-de trazer-lhe uma lembrança...

Emfim, pensei: lá vai o Amancio realizar o sonho de toda sua vida. Fiquei realmente satisfeito. E' tão difficil ver o destino concordar com uma aspiração e realizal-a, que, quando isso acontece, rejubilo-me, mesmo quando nenhum quinhão me cabe nessa ventura. E' uma questão de esthetica, commungar assim com a harmonia das cousas.

Passei muito tempo sem noticias do viajante, que agora o era, sem pilheria.

Passados uns seis mozes daquelle abraço de despedida, contou-me o Santos ter visto o Amancio na cidade. Estava de volta e hospedava-se na antiga pensão.

Fui procural-o naquelle dta.

Recebeu-me effusivamente, Vinda satisfeittissimo. Passeara muito, e si as cidades o atraíam na simples narração dos viajantes, imaginasse em como gozara superiormente aquelle seis mezes de peregrinação! E contou-me maravilhas — aventuras sensacionais, as boas relações que fizera, os idiomas em que se aperfeiçoara, o diabo!

— E que me diz agora do «vosso» Julio Verne?

Fiquei encastrado à evocação das vossas impertinencias e enlei umas desculpas; — ora, você ter-se importado com aquella brincadela...

Amancio mostrou-me postaes, revistas, e deu-me um livro, um romance de Georges Bermanos, o grande successo daquelle inverno em Paris.

A minha ansia de novidades não se fortava. Fiz-lhe mil perguntas, examinei-lhe curiosamente a bagagem. Uma mala, sobretudo, impressionou-me. Era uma dessas grandes malas de cabine, luzida, com lindos fechos metallicos e tampa inteiramente comida por uma letra era erudita de etiquetas.

Amancio, oguihoso, chamou-me attenção para aquelles cartazes polychronicos, pregados a esmo, na lufa-lufa dos grandes «halls» de hotels, numa desordem agradável e sabia:

«Hotel Brighton, Paris», «Santa Lucia Hotel, Napoli», Nice, Gd. Hotel de Cimiez», «Massilia, re. classe». «Alejandra Grand Hotel, Lausanne». «Palace Hotel, Florença».

— Então, isto é que é viajar, hein, meu velho? Concordei, e sai abalado.

O Amancio estava outro. O afiodado das tras vessias dera-lhe ao rosto um tom «basané», que lhe ia muito bem. E tinha adquirido uma distincção de maneira, uma certa displicencia no falar, superior. O attrito de civilizações refinadas polira-lhe o espirito. Notava-se logo que tinha viajado. convivido com gente de alta categoria, na doce promiscuidade dos grandes paquetes, dos hotéis de luxo.

Semana depois, recebia uma telephonada do Amancio: ia partir novamente em viagem, e dessa vez para a Argentina.

Já começava a ser banal a chegada do Amancio. O homenzinho, dahi por deante, havia de ir successivamente a Nova York, ao Tonkin, faria pic-nics na base das Pyramides e atravessaria, no dorso de um camello, os desertos da Arabia Petrea.

— Olhe que os trezentos contos do tio não

são inesgotaveis, preveni-o com uma ironia invejosa. O Amancio sacudiu os hombros, saguro de ainda não haver perigosamente «enlamé» o thesouro herdado.

Um dia, entrou-me precipitadamente pelo quarto o Ruy Alves.

— Sabe de uma novidade? O Amancio foi preso?

— Que Amancio... O Julto Verne?

— Qual havia de ser, homem!

— Que me diz, conte-me lá essa historia. Que teria feito o pobre rapaz?

— E' uma embrulhada que não percebo. Sei apenas que uma companhia de vapores deu queixa de que o Amancio andava falsificando dessas etiquetas que costuma fornecer aos passageiros para marcar as malas.

— Mas isso é um absurdo, poia uma etiqueta é lá coisa que se falsifique? Depois, com que interesse?

— A parte queixosa parece que não explica o caso e scha mesmo que o Amancio realmente não poderia prejudical-a. Avisara a policia por simples precaução. O nosso amigo foi apanhado em flagrante numa typographia...

— O melhor é irmos á Detenção, o Amancio ha-de destrinchar-nos essa meada.

Fomos á Detenção. O director mostrou-se penalizado e não atinava com a solução daquelle flogripho.

A PILHERIA

Revista mais antiga do Norte do Brasil

A correspondencia, bem como a remessa de dinheiro (por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigido á

Pilheria, S. A.

Redacção e officinas proprias.

39—Rua Visconde do Rio Branco—39

Recife - Pernambuco

Autophone 2.5.1.5

Acceptam-se trabalhos avulsos de qualquer natureza

rido Secca e Mecca

DE CAMARGO

O nosso preso estava atordoado. Falou-nos vagamente em inimigos, gente invejosa das suas viagens e desconversou quando nos abeirámos, cautelosamente, da questão das etiquetas.

Saimos sem saber o que pensar. Dias depois, o Dr. Americo, que fôra amigo do pae de Amancio e advogado da familia, encontrando-se commigo, esclareceu o caso.

— Olá, doutor, que me conta do nosso pobre Amancio ?

— Nem me fale, acabo de chegar do hospício, onde fôri visita-o,

— No hospício ?!

— E' para ver.

— Então o infeliz não terá mais occasião de viajar ?

— Qual viagem, elle nunca viajou, aquillo tudo já era loucura !

E contou-me.

Rapaz brioso, compreendendo as nossas ironias, quiz deixar-nos confundidos. e o unico melo era sair das idealizações e viajar de verdade.

Mas como, si custavam tão caro as viagens e elle não passava de um pobre funcionario atido aos seus veneimentos ?

Um emprego melhor que lhe arranjaram numa colleccoria do interior, pô-o no enlacho de um plano simples e engenhoso. Escondido no sertão, faria constar que viajava.

Mas era pouco, podiamos não acreditar. De cogitação em cogitação, foi architectando um Everest de phantasia.

Dahi essa idéa infantil e ridícula de pregar na mala atiquetas que elle mesimo mandava imprimir.

Mas isto tudo teria relativamente pouca importancia si lhe não bulisse com o juizo. Espirito fraco, foi-se suggestionando com aquella encenação de partidas e chegadas, de tal arte que quando annunciou ter chegado da Argentina, estava convencido, mas absolutamente convencido de que estivera em Buenos Aires.

O abafo produzido pela invasão da policia na typographia, emquanto dirigia a impressão dos rotulos, desarticulou de vez aquelle pobre cerebro. E ahi está como aquella comedia ingenua acabou em drama, cujo epilogo ora assistimos no hospício.



Da esquerda para a direita : Pedro Marinho, Oscar d'Azevedo Brandão e José Alexandrino A. Mello, respectivamente, Gerente, Guard-livros e Sub-Gerente da Loja "Singer", na vizinha Capital de Alagoas.

O MURO

Naquelle muro toda a nossa historia eu tracei, tu traçaste, nós confámos, E, por essa ventura transitoria, eu te quiz, tu quizeste... e nos amámos,

Agora o muro sofre a dor ingloja de ostentar os escarneos que traçámos, São palavras que sahem — vida illusoria ! — dos meus, dos teus, dos labiss que beijámos...

Hontem, quando eu chegava e tu chegavas, tu, que então me chamava de perjuro, «Meu querido poeta!» me saudavas.

E hoje que os nossos rumos sãs diversos escreves a carvão no velho muro :
«TODO IDIOTA DA' P'RA FAZER VERSOS...»

Osorio de Andrade

O encanto dos olhos teus

Esses teus olhos,
Eternos bailarinos da illusão,
Esses teus olhos creadores
De poemas de luz e de emoção,
Vão tecendo em meu redor
Uma feia bem tecida
Que me rouba toda a alma
E me prende toda a vida;

E ella a minh'alma, de contente, caí ta
Uma canção de amor
Que a ninguem diz...
Como é bom que tu proprio desconheças
Que teus olhos que bailam
Fazem-na tão feliz!

Tecedores... tecedores...
P'ra que teces tanto assim ?
Bailarinos... bailarinos...
Bailar somente p'ramim !

LENITA

A flôr que eu ponho nos meus versos, . .

Naquella tarde...
 você veio para o meu amor...

você veio para a emoção interior
 de minha vida de poeta...

(o occaso tingia o céu na aquarella do crepusculo
 e eu, dentro do silencio, espherava...

—e você veiu...

com esse corpo moreno que é rythmo e suavi-
 [dade...

essa bocca doida que risca beijos no minha
 [bocca...

essa belleza quieta
 dos seus olhos macios...

essa carícia de suas mãos de sêda...
 de seus cabellos «onde a noite dórme»...

você veio para mim...
 para a minh'alma...

trouxe, na taça rubra de seus labios, uma offerenda
 para o meu desejo...

— você veio todo para a ansia do meu beijo!

— "... e desde aquella tarde,
 você ficou dentro do minha vida
 no brilho cinzento dos meus olhos castanhos...

— você ficou sendo a flôr que eu ponho nos meus
 [versos...

AOÇÊ

AGUARDEM

Reacção

**Jornal essencialmente
 popular**

A carta que eu te não enviei...

Nesta noite fria, em que as arvores parecem tremer ao contacto da garça impertinente que cae sobre a cidade, eu me decido a te escrever, minha encantadôra amiguinha de olhos claros.

Sob a luz palida do abat-jour verde que ha em meu quarto o teu retrato está sorrindo para mim. Sorrindo o teu sorriso lindo de boneca que canta em meu coração com a voz sonora de um rouxinol...

A minha penna, imperceptivelmente, vae compondo as letras do teu nome. Do teu nome suave como um perfume oriental. Do teu nome, tão suave e *mignon*, que eu vivo a repetil-o, a todo o instante, sem mesmo entreabrir os labios como se fosse a minha propria alma que estivesse falando...

Eu nem sei por onde começe! Hesito desanimado. Mas penso na supplica inocente dos teus olhos e me decido afinal. Escrevo-te. Sobre a alvura do papel a minha penna corre, ligeiramente, dizen-

do-te tudo o que anda a palpitar dentro de mim...

E enquanto o vento lá fóra assobia, geme e impera e se exaspera, falo-te de mim e do meu tormento sentimental... E enquanto as estréllas, no céu, brincam de esconder, falo de ti e dos teus olhos...

Digo-te da dôr enorme que eu sinto por estares, assim, tão distante...

Do abandono acabrunhador em que anda, agora, immersa a minha vida, longe de ti, meu destino côr de illusão... Da saudade sem comparação que eu sinto dentro desta noite fria quando ha tanto calor em tua bôca vermelha de sangue...

E falo-te doidamente, desse desejo impossivel que eu tenho de pôr os teus olhos claros dentro dos meus olhos escuros... De revêr o sorriso feliz que vive a dansar dentro destes olhos garôtos... De voluptia estranha que eu sentiria em colocar os meus dedos, ébrios de amor, por entre os fios morenos dos teus cabellos e de ter a flôr de tua bôca a se despetalar ante os meus labios...

E supplico-te, com as lagrimas boiando nos olhos que voltas para

a vertigem do meu sonho e para a loucura do meu amor...

Mas tu, minha encantadôra amiguinha de olhos claros, não has de lêr nunca essa carta que te escrevi, assim, allucinadamente sob a impressão horrivel dessa noite que teve sobre a minha emotividade um prestigio sobrenatural. Nunca éla ha de chegar ás tuas mãos para gloria de tua vaidade. Por isso eu não t'a enviei. Porque se essa carta fôsse parar, um dia, ante os teus olhos tu ficarias na certeza de que me vencestes ao menos uma vês.

E quando tu tiveres a certeza de que me venceste, eu sei, que o meu orgulho de homem ha de ser para sempre, todo absolvido e dominado pelo teu fascinio de mulher bonita, pela voluptia dos teus olhos macios e pelo teu sorriso que canta dentro em mim como a alma sonora de um rouxinol...

Foi por isso que te não enviei essa carta que te escrevi, um dia, e que foi a minha maior fraqueza sentimental...

JOHN LICY

PÓ DE ARROZ

Lady

É O MELHOR
E NÃO É O MAIS CARO
SUPERIOR AOS ESTRANGEIROS

A venda em todo o Brasil e nas

Perfumarias LOPES

RIO - SÃO PAULO

CATIMBO'

a ascenção ferreira

a noite encheu-se de
sombrias sinuosas sinistras
e peneirou no ambiente
gemendo pelo atrito articular das arvores secas
lá de fora...

a "mestra" esuda angulosa
relempagueou na meia-escuridão
os olhos brancos
e felinamente
emergiu as 5 lanças em
goiva
de suas unhas amarellas
no ventre heterogeneo
duma caixa de folha
para eu vêr...

folhas secas
ramos de jurema
e alecrim
cachimbos de barro
bonecas de pano...

em volta
rrompera surdo fanhoso nasal
em sussurro quasi longinquo
de sons desarticulados indistinctos desconexos...

de repente
o vento forte e gelado da noite
desferrolhou a pulso
uma janella
e enrodilhando-se na chama
indecisa e suffocante
da candeia

borrou-me a tela toda
de nankin!...

ferreyra dos santos

O beijo que é de um só

Uma sombra em tua vida!

A sombra é harmonia,
reflexo de asa, ou frança ou nuvem.
Uma asa, uma nuvem e uma frança
represento.

Sobre tua alma poisa, leve,
a unção de pluma de minha bocca.
E em teus olhos baila, louca,
ousada ramaría: — meu olhar —
tangendo as cordas invisíveis
da Emoção.
Em teu pensamento existe a nuvem da carícia de
minhas mãos,
que são frageis e fortes
como pellucia revestindo bronze.

Eu me transmudo para acompanhar-te,
E as estrellas bem sabem, ellas tambem
que certa noite em que tu ias só
por entre a terra densa,
si uma dellas correu espaço em lóra
nada mais foi que a mensageira
por quem mandei levar
o beijo ethereo, luminoso,
que não pudera dar
e que te pertencia...

Heloisa Chagas

Suzana de Alencar Guimarães, é das modernas escriptoras cearenses, a possuidora de um dos espiritos mais graciosos daquela linda "terra da luz" e por Martins Varella ella nos enviou para o brilho das nrsoas paginas

O amigo que não soube ler a minha vida...

Ha muito que nos conheciamos. Nem sei de onde.

Elle dizia que eu era a sua maior amiga. Eu dizia que elle era o meu amigo mais intimo.

Sempre que nos approximavamos eu tecia, com palavras, uma teia de docura para sua alma. Os

seus olhos me fitavam tão calmos, com tanta serenidade, que parecia que eram elles em extasse, parados, immoveis, que quiviam o que eu dizia.

Nunca lhe fallei do tumulto da minha alma, nunca. Queria que elle pensasse que eu era feliz: talvez fosse por eu ser alegre que me chamasse de maior amiga. Quem sabe se em mim não buscava a Alegria para dourar o seu momento?

O tempo ia passando, e eu nunca expuz diante das aguas mortas dos seus olhos, os farrapos negros da minha tortura interior...

Para elle só podia ser feliz

quem cantava a Alegria como eu, quem ria como eu ria...

Esquecia que tambem as velhinhas de almas torturadas, sentindo o peso de todas as desillusões, sabem ainda ter nos labios a docura dos contos de fadas para fazerem dormir as creancinhas! Um dia, quando nos approximamos, vi que todo o mysterio eterno, dos lagos profundos, tinha vindo boiar na superficie das aguas mortas dos seus olhos...

E contou-me a sua Dor — uma pagina negra — esperando o consolo da minha palavra doce, da palavra da sua maior amiga.

Então, procurei toda a minha Alegria para ofertar-lhe. Fechei os olhos e olhei a minha vida, mas quando eu abri, diante da sua Dor, do seu Desespero, da sua Tortura, eu ri, ri, ri...

Suzanna de Alencar Guimarães

Claudio

Mareio

a

belleza

do

distincio

casal

dr.

José de

Petribù



e sem receio de contestação, poderemos assegurar que dentro em breve, com a preclara administração de v. excia. o algodão do Rio Grande do Norte alcançará fama mundial.

O esplendido porto natural de Natal, ultimamente muito melhorado pelos esforços de v. exc. e do notavel engenheiro nacional dr. Decio Fonseca, está se tornando muito conhecido pelas Companhias de Navegação estrangeiras, cujos vapores, com muito maior frequencia, aportam hoje em Natal, e é innegavel que cada um destes navios, leva boa impressão desse porto e de volta ao seu paiz servirá como propagandista do mesmo.

Ultimamente o porto tem sido muito elogiado como ideal para hydro aviões, e não será exagero dizer que dentro em pouco Natal tornar-se-á uma das principaes estações de navegação aerea da America do Sul, o que trará para a cidade, incalculaveis beneficios.

Todos nós sabemos o grande entusiasmo que v. exc. tem demonstrado na navegação aerea, o qual não consiste somente em theoria, porem tambem na pratica, conforme tem v. exc. patentado a todos; um bello exemplo de ser imitado por outros e que muito influira na prosperidade desta formosa cidade.

Meus Senhores, o acontecimento de hoje não deverá cahir no ol-

vidio, pois é mais uma prova do zelo com que s. exc. o sr. Presidente, tem procurado no curto lapso de sua presidencia, reformar as falhas dos serviços publicos, os quaes creando entaves à vida urbana de sua cidade, estava retardando o seu progresso.

Conscio da pernicioso influencia que estes serviços deficientes vinham imprimindo às condições de vida de Natal, o que asphyxiava o seu desenvolvimento, havia s. exc. incluído no seu programma de governo, a reforma de tal estado de cousas, e assim é que hoje acaba de confiar aos cuidados das «Empresas Electricas Brasileiras», Companhia já bem conhecida no sul do Paiz, a exploração dos serviços já citados, os quaes após às reformas necessarias, virão satisfazer com toda a precisão os fins a que se destinam.

Como o seu nome bem saliente, as «Empresas Electricas Brasileiras», que ora represento, ha poucos annos formada no Brasil com capitaes americanos, destina-se principalmente á expansão dos serviços por electricidade, a qual, nos dias que correm é o factor primordial do desenvolvimento universal, e assim a actuação nos serviços publicos já alludidos, só poderá ser benefica a este Estado.

Hoje, é, nos grandes paizes em que o desenvolvimento tem chegado á ultima palavra, ao par do

conforto da vida em geral e da vida domestica de facilidades multiplas em todos os sentidos, que se tem verificado que a fonte de todos estes desenvolvimentos é a electricidade; o emprego facil da lorça electrica é hoje exigido nos transportes, nas facilidades do lar, seja para illuminação, para cosinha, costura, aquecimento ou ventilação.

Alguem afirmou que na epoca actual mede-se o crescimento e desenvolvimento de um povo, pelo emprego que faz da energia electrica, e estou convicto de que se hoje alguns dentre vós, discordaes desta asserção, não insistireis na mesma, quando tiverdes ao vosso dispor um supprimento seguro de energia, que facilitando as lides diarias vos proporcione todo o conforito possivel em nossos dias!

Cemo vemos, a electricidade diminue o esforço e facilita a vida, e esperamos que Natal, a cidade situada no pincaro do dorso oriental do Brasil, seja tambem no Norte, a pioneira na utilização da electricidade!

E, como representante das «Empresas Electricas Brasileiras» eu saúdo a V. Excia., Dr. Juvenal Larmartine de Faria, digno representante deste Estado prospero e floresente, que lhe serviu de berço, cujos destinos, os seus irmãos, n'um gesto de confiança e gratidão, em boa hora lhe confiaram !!!



Dr. Arthur Smith

NATAL VAE TER UM
PERFEITO SERVIÇO
DE LUZ, FORÇA,
TRAMWAYS TELE-
PHONES E OMNIBUS

Rio Grande do Norte o prospero Estado do nordeste vai passando actualmente por uma serie de melhoramentos que dizem muito bem do espirito emprehendedor do seu actual presidente dr. Jüvenal Lamartine. Carecia entretanto Natal de um perfeito serviço de luz, força, tramways, telephones e omnibus para attender as necessidades da população daquella linda cidade.

E, é isto que acaba de se conseguir com a assignatura do contracto firmado na ultima semana pelo exm.º sr. dr. Juvenal Lamartine, presidente do Estado e o sr. dr. Arthur Smith, gerente geral da «Pernambuco Tramways e Telephone Company» na qualidade de representante das Empresas Electricas Brasileiras S. A., com séde no Rio de Janeiro e a quem estão entregue a execução dos referidos serviços.

Aliás dado ao conceito que desfructa no nosso paiz e no estrangeiro esta poderosa empresa tudo faz crer que os serviços que Natal vai possuir serão de molde a nada

desejar em perfeição e acabamento.

Regojado com a assignatura do referido contracto o dr. Arthur Smith, offereceu ao dr. Juvenal Lamartine um lauto banquete seguido de um baile no «Areo Club de Natal» nos quaes tomaram parte os elementos mais representativos da sociedade, do commercio e do mundo official do Rio Grande do Norte.

Por occasião do banquete o sr. Arthur Smith pronunciou o discurso que abaixo publicamos :

EXMO. SNR. PRESIDENTE, MINHAS SENHORAS, MEUS SENHORES ! ! ! !

Que as minhas primeiras palavras sejam para patentear a minha grande satisfação e ao mesmo tempo, para me congratular com v. exc. dr. Juvenal Lamartine, preclaro Presidente do Estado do Rio Grande do Norte, com o exmo. Prefeito da Capital, os senhores Deputados em geral com a população d-esta prospera e sympathica cidade de Natal e de todo o Estado, pelo feliz advento da assignatura dos seus novos contractos para os serviços de transporte colectivo, luz, força e telephones, contractos em moldes inteiramente modernos, que permitirão ás Empresas Electricas Brasileiras, d'ora em diante enfrentar os encargos

destes fornecimentos, o que, vos posso afirmar, á exemplo do que tem acontecido em outras cidades do Paiz, virá assegurar o estabelecimento de serviços perfectos, que se irão desenvolvendo á medida que o progresso e a expansão natural da Cidade os fôr requisitando.

Actualmente ha muito que fazer em remodelações, melhoramentos e extensões, porem estas difficuldades que temos de vencer, ainda mais nos estimulam ao trabalho e com maior enthusiasmo vamos atacar taes serviços, que esperamos ver concluidos em breve periodo, pois a certeza de que os nossos esforços serão apreciados devidamente por todos vós muito contribuirá para esta realisação, a qual, consequentemente virá constituir um facto de maior importancia no progresso rapido e seguro de Natal, bem como do Estado em Geral.

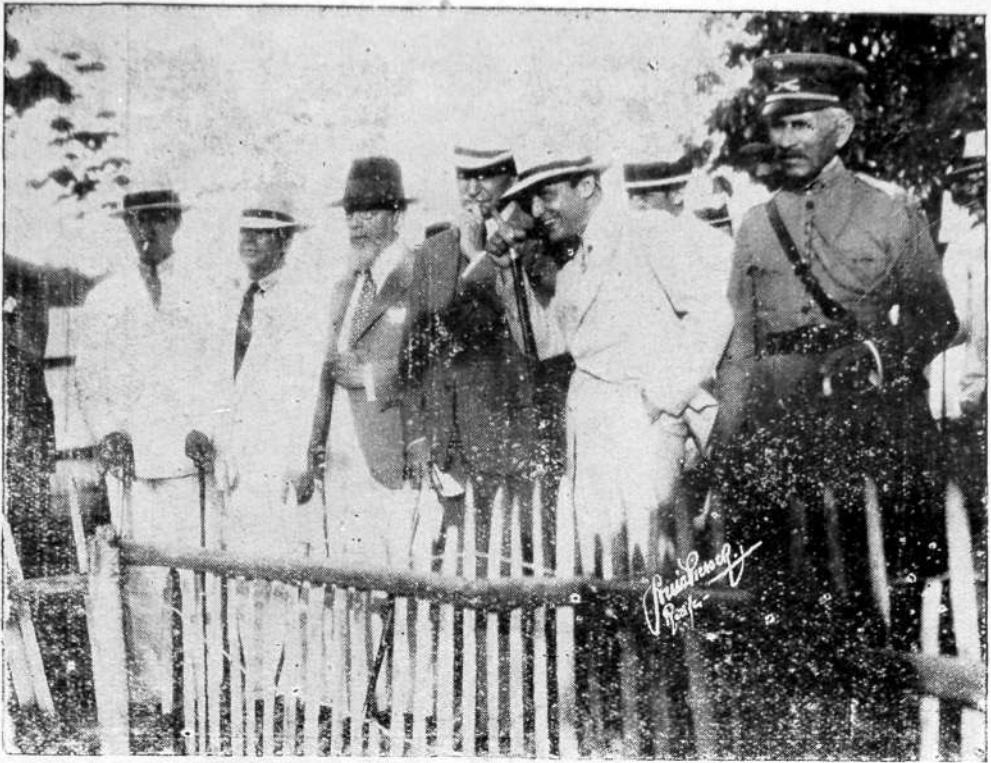
Devo confessar que temos grande confiança no futuro progresso deste Estado e de sua Capital, porque podemos prever os resultados do grande impulso que a sábia administração de v. exc. dr. Juvenal Lamartine, este dando, não só a cidade de Natal como tambem a todo o seu estado «natal», não havendo v. exc., se descurado das grandes fontes de riqueza do interior, onde se notam prodigiosos melhoramentos, notadamente nas plantações de algodão, quer na selecção das sementes, quer na sua cultura em geral. Como consequencia deste esforço podemos salientar que hoje no estrangeiro o algodão de Seridó é considerado tão bom como o melhor do Egypto

TANGO

pra berta singerman

Palavras gostosas
 estaladas
 com o sabôr de linguas
 vibrando
 em corpos enlanguescidos...
 olhares dolorosos
 de sobranceiras em V
 desejando
 caricias
 de outros olhares.
 corpos resvalando
 em sedas
 sinuosas
 como uma grande chama
 viva
 de sensualismo
 e torpôr...
 mãos crispadas
 contrahidas
 desarticuladas
 realizando atitudes geometricas
 sob nervos a flôr da pelle...
 martyrios voluntarios
 soffrimentos combinados
 por um marochismo silencioso
 morno
 tropical,
 que vê na violencia
 a caricia paradoxal
 e amorosa
 de um temperamento causticado
 pelo sol...
 e.....
 e a alma do tango
 —irmã gemea de Palermo—
 é um duende maravilhoso
 com syncopes de sons
 e violencias de penumbras...

COELHO DE ACMEIDA



Instantaneo apanhado no ensilhamento do Jockey Club por occasião da corrida realizada em homenagem ao exmo. sr. Governador do Estado. Na photographia, apparecem o sr. dr. Estacio Coimbra, que em companhia de amigos assistiu ao desfilor dos concurrentes ao Grande Premio

Theatros e Cinemas

THEATRO MODERNO — Estreou ante-hontem no Theatro Moderno a Companhia de Operetas e Vaudevilles Brandão Sobrinho-Vicente Celestino que acabara de fazer uma longa temporada na Bahia, procedendo do Rio de Janeiro onde trabalhava no Theatro Republica. O conhecido casino da Praça Joaquim Nabuco apanhou uma enchente como raras vezes temos visto. Estava literalmente cheio. Todas as localidades occupadas.

A Companhia se apresentou com a opereta **Os gaviões**, em 3 actos e 5 quadros.

Nesta opereta que dispõe de interessantes numeros de musica, apresentou-se toda a companhia. Os papeis de maior saliência foram confiadas á Brandão Sobrinho, Vicente Celestino, Chaves Filho, Ismenia Santos e Lais Arede, que se desincumbira a contento da platéa que lhes não regateou applausos. *Os Gaviões* é uma opereta muito interessante e destinada a grande successo de bilheteria. E. foi comprehendendo assim que a Empreza do Moderno a conservou no cartaz, ainda hontem na *matinée* e *soirée*. Hoje será encenada a interessante opereta *Flor de Sevilha*.

O Doutô da Roça

Meu fico Neco, seu João,
foi se foimá na cidade,
Vei honte. Tarveis saude
da norva, cá no sertão.

Eu e tudo, lá de casa,
fumo vê Neco chegá.
Nana, de tanto chorá,
tinha os oio que nem brasa.

Que deferença, seu João!
Que home tão deferente!
O mundo, a cidade, a gente,
feis de um rapai do sertão!

E vae dizendo do trem:
Mamãe, euna tens passado?
Papae, cuma estás mudado!
Eu mudei muito, tambem?

Subiu-me um nó no pescoço,
e um frio no espinhaço,
de quebrá logo o cachaço
e a goga daquêlle moço.

O sem veigounha que eu vi
pequininho aos meus pés,
e quanto contos de réis
gastei com elle e perdi.

Nem ao menos pırguntou:
a sua benção, meu pae,
ou: minha mãe como vae,
beijando-a cheia de amô.

E vendo a nôrva Noquinha
que emmagreceu de saude
quando elle, pela cidade,
levava a vida que tinha.

Tão endeferente o vejo
vindo das Acadimia
que até meu sangue frivia
cuma num bom sertanejo.

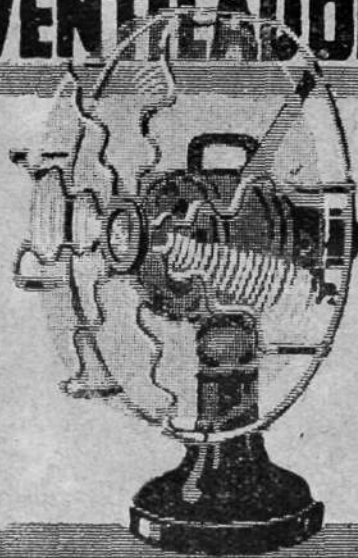
que eu disse ao Né Bagageiro:
leva as bôrsa do rapaz.
Eu num quero vel-o mais.
Jogue isso lá no terreiro.

E me virando ainda disse:
Pra que meu fio, ioimado,
um bocado incalistrado,
minhas prepostas ouvissé:

e logo que chegue lá
junto ao currá da ladeira.
Né, escancara a purtera,
deixe este burro pasá.

Esdras Farias

VENTILADORES



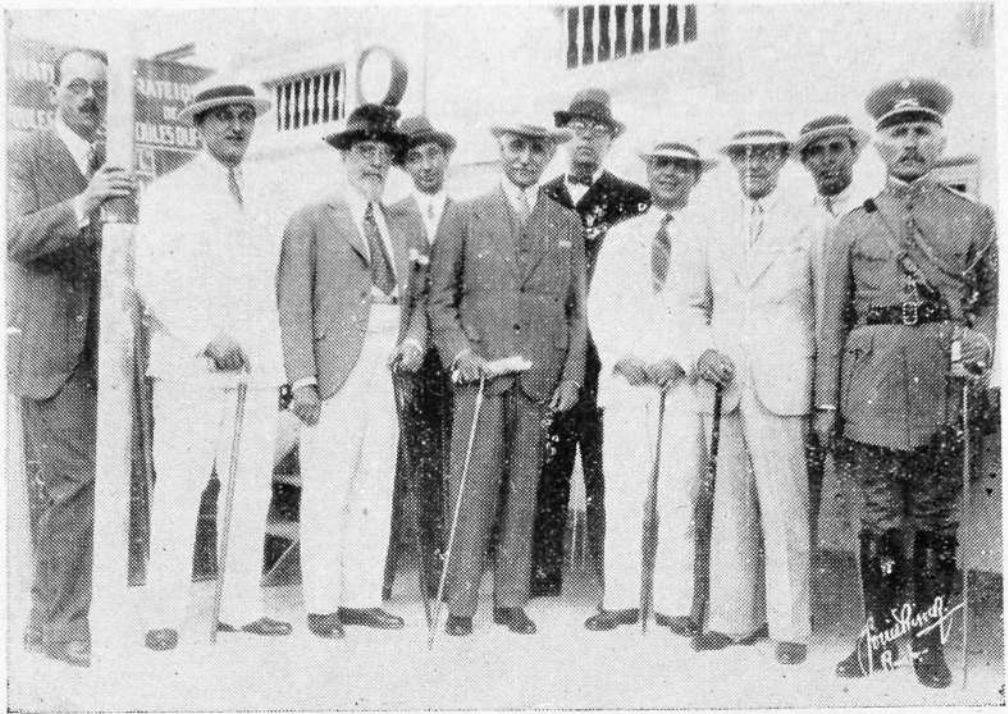
SIEMENS

FRANZ KUHNT



COMPANHIA
BRASILEIRA DE
ELECTRICIDADE
SIEMENS
SCHUCKERT
S.A.

RECIFE
AV. MARQUEZ DE
OLINDA, 142



Um flagrante nas ultimas corridas do Jockey Club. Vê-se o exmo. sr. dr. Estacio Coimbra, entre membros do V Congresso Medico.

Muleque de rua...

Miguel é um menino
como eu nunca vi.
Não calça sapatos
não vae p'ra escola
nem usa chapéu.

Miguel é damnado.
Passeia e passeia
não para na casa,
a mãe se aborrece
e é mesmo que nada.

Miguel é franzino,
só tem oito annos
só vive na rua
correndo com rodas
jogando castanhas
falando em cinema.

Já foi em lugares
que eu nunca pensei . . .

Miguel é damnado,
brigão que só elle.

Morcega automovel
esquipa em cavallo
assobia na rua.

Miguel é um diabo
tem as pernas finas
que só taquari.

A mãe se aborrece
da-lhe boas surras
e é mesmo que nada.

Miguel continua:

Não calça sapatos
não vae p'ra escola
nem usa chapéu.

S. ex. o Diabo

Perdeste, pouco a pouco a aspecto de outras eras...

(Dô soneto *Satan*, de Mendes Martins)

Esta phantasia mostra como o genio terribiliissimo do do Averno, o herôe tradicionalmente indelevel das aventuras sombriamente epicas e e romanescas, evadindo-se audaciosamente da legenda, se infiltrou no ambiente social dos nossos dias.

Dentre todas as creações bizarramente symbolicas de Satan, das mais excellentes ás mais vulgares, quer «na sua vil apparencia de morcego capride» ou na attitudo majestatica de Plutão, cujos traços offereceram motivos de celebridade ao lapis de Doré, na famosa tēla em que representa trevosamente a face do seu terrífico Lusifer, é a de Mephistopheles genialmente divulgada no *Fausto*, essa figura originalissima de demonio tão aristocratica e phantasticamente lendaria como a idealizara Goethe, a mais apothoticamente theatral.

É esse o mesmo espectáculo Mephistephelico que vemos ainda sinistramente pomposo nas faustosas scenas da opera de Goúnod de «*espada á cinta e boldrié escarlate*», onde, em lances dramaticamente suggestivos, culmina o esplendor dessa tragedia!...

O Diabo dos nossos dias é, entretanto, um verdadeiro contraste: tem horror à tragedia e detesta as attitudes drematicas.

Actualiza um personagem de escol, um *gentleman* escorreito que se constitue no *grand monde* o arbitrio da Elegancia. Libertára-se prodigiosamente dos chavelhos e da feição sordidamente vampirica, desintegrando o seu vulto da vustada em que jazia supinamente gafado pelo pó das lendas. E desaiivelára a mascara de Melpomené. É um Diabo por assim dizer sem rasgos epopeicos, um *dandy* platonicamente ultramodernizado, que não mais ostenta a velleidade dos habitos flamantes.

A vistossissima *toilette* com que dantes galhardamente se trajava perdeu com o uso a *fiérite*, a belleza theatralmente demoniaca, tornando-se agora um velhissimo fato prosaicamente lançado para um canto, onde serve exclusivamente de repasto á gana devoradora das traças. A espada, por seu turno, se converteu numa lamina fedruhenta.

Ainda assim, é elle sempre o herôe de todos os tempos. Seu rosto não vislumbra sequer um desalento que revele a nostalgia do passado. Desdenha, pelo contrario, o culto das tradições, rindo sarcasticamente de sua chimerica decadencia, convencido de ser infinitamente, no processo da vida, o rei transformista.

E hoje machiavelicamente se disfarça sob o modernismo aspecto de um *poseur* tão irreprehensivelmente ensaiado por Menjou, usando «*frac á maneira de Novelli, chapéo alto, luvas marron, monoculo e rosa Paul Neyron á botoeira*». É o *typo* e «*ímio do boulexardier que passeia «de carruagens a Dautmont*», exhibido, com o requinte peculiarissimo dos *gomeux*, «*as botinas de polimento e as polainas brancas*».

Foi elle quem suggeriu, de certo, a idéa fascinadora do *rouge* e as das lindas unhas como farpas aristocraticamente brunidas; quem insinuou tambem para as Venus contemporaneas a moda dos cabellos curtos, e o exaggerado habito dos decotes, *flirtando* ainda, com as suas artimanhas de consummado pontifice na arte da galanteria mundana, as Evas e as Marharidas do *bon ton*...

Maurício de Mello

O desinfectante Ideal

- PHENOLINA -

Preço de lata de 1 litro 2\$000

**Indispensavel nas lavagens de
casas e nas desinfeccões**

- geraes -

A tragedia do Sol

p'r'o Alvaro Lins

A Lua disparou um tiro de crepúsculo no Sol. As Nuvens correm assustadas, tremulas, se atropelando no soalho azul do theatro do céu. A Araponga silvou um assobio estridente pelo espaço. Logo a policia rutilante das Estrellas encheu o firmamento, prendeu todo o mundo, algemou a Lua, mas não pegou a Tarde porque a Tarde fugio e desapareceu. Começou o interrogatorio: a Lua chorava lagrimas de prata teimando em não dizer absolutamente cousa alguma; alguem lembrou então que se interrogasse o Mar — bohemio inveterado — bebado, voltando espuma, com a cabeça recostada nos joelhos do Praia, sua amante, Então a voz argentea das Estrellas veio descendo do céu e perguntou ao Mar porque motivo se dera aquella crime. O Mar teve um esgar de gargalhada i jota e respondeu: « — A Lua ha muito via com nraus olhos o Sol, no occaso, penetrar no quarto aos abraços e beijos com a Tarde, deixando-a triste e só na escuridão enorme do infinito... » As Estrellas, então, executaram a Lua regicida na cadeira electrica da constellação de Orion...

Marshal Flalho

Castellos na areia

Verão! Olinda! Carmo! Milagres! Farol! A flor da tarde abriu as pétalas, como uma flor da tarde de verdade muito grande mesmo. As borboletinhas surgiram em gyros rápidos e polyclaromicos. Mas agora, o sol não vae lyricamente «morrenao entre as nuvens sanguineas do horizonte...» Elle é, apenas, uma braza gigantesca. O accendedor das «Khediwas,» das deuses. As aguas do mar atrairam-se-lhe violentamente. Conseguiram attingi-lo e apagam-no sua vinente. «A fumaça do sol! A fumaça espalhace delo ar. Enche o ambiente. Crepúsculo...»

A noite veio vindo sob nm pillo de belleza regional. A noite é quase Josephina Beber, porque é negra porém lindissima. Exibe o color de perolas de Oíras estrellas; com a cruz de brilhantes do

cruzeiro do sol. A alma de Villa-Lôbos vibra dos mnsicas da reiteta. Os instrumentos explodem gargalhadas sonoras de rythmos. O Carmo tranformou-se num elegantissimo bazar. As «jeunes-filles» perambulam, como bonequinhas de mollas... Vicente de Carvalho, você foi felicissimo ns escolha do nome: «as maravilhosas;»

Os meus olhos tristes pararam na evocação de seus olhos alegres e luminosos, a alumiaerem o vetusto interior da «Academia Santa Gertrudes.» Como essas freiras são egoistas, minha amiguinha.

Nancy Meira, Carmelita Montenegro, Estellinha Medeiros, Zilda Lopes, Maria da Gloria, Neusa Ramos Coutinho, Olga Marinho, Dulce Maranhão, vocês... vocês...

... Tenham cuidado com os chronistas. Sobrê tudo com aquelle, que usa oculos e possui uma «Kodak» infalivel e indiscreta. E você Carmen, não se zangue comigo. Você ainda se lembra dos

versinhos, que eu lhe disse dormitogo?

Oihe: o meu doido coração é um maracá bem singular, e, dentro delle, meu sonho vão, em guizo esplendido a vibrar!, e, depois, num contraste com Cyrano como um belo no seu ouvido:

Eu lhe suplico não vá quebrar este brinquedo na sua mão!?

Dontinuamos no «bar» Lá-longo, o mar era mais monumental taça de «champagne» derramando espumas na areia e os coqueiros, como espartadoes nas mãos invisiveis do vento, queriam espanar as estrellas que haviam empoeirado o céu.

Marcello Mauricéa

CABELLOS

UMA DESCOBERTA CUJO SEGREDO CUSTOU 200 CONTOS DE REIS

A "Loção Brilhante" é o melhor especifico para as affecções capilares. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não contém saes nocivos. É uma formula scientifica, do grande botanico dr. Ground, cujos segredos foi comprado por 200 contos de reis.

É recommendada pelos principais Institutos Sanitarios do estrangeiro e analysada e autorizada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

Com o uso regular da "Loção Brilhante":

1. — Desapparecem completamente as caspas e affecções parasitarias.

2. — Cessa a queda do cabello.

3. — Os cabellos brancos descolorados ou grisalhos, voltvem a cor natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.

4. — Detem o nascimento de novos cabellos brancos.

5. — Nos casos de calvíces faz brotar novos cabellos.

6. — Os cabellos ganham vitalidade, tomam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A "Loção Brilhante" é usada pela alta sociedade de São Paulo e Rio.

A venda em todas as drogarias, perfumarias e pharmacias de primeira ordem.

De um e de outro lado nenhuma folha, fada. Apenas a desolação, a tristeza, o abandono. As arvores deixam de o ser para se tornarem espectros de arvores. Os galhos estiolados, resequecidos, mirrados, elevam-se para o céu num gesto de supplica, numa attitude de desespero, como quem pede, como quem implora. E se assemelham ás «mãos da secca», ás mãos dos bons e dos desgraçados implorando e pedindo.

O scenario é de tragedia.

Lá, bem alto, o sol dardeja flechas de fogo sobre a paisagem doente. Como que suga a última gota de seiva, impiedoso, inclemente, escarninho, como uma braza accesa num monturo de folhas secas, vai chupando a terra e fazendo com attitudes de deus-barbaro a evaporação dos últimos resquícios de chlorophila, nas arvores.

Depois, distante, uma nuvem de fumo... Foi o sol que queimou um feixesinho de capim secco e o fogo se vai alastrando pela *báhu* e o incendio se alteia e se espalha numa distancia de leguas e mais leguas...

Mas, num contraste formidavel com o quadro de dôr que enche de desespero a alma da gente, os joaseiros se erguem aos raios do sol, inclemente e barbaro como que desafiando á lucta o deus-fogo, o deus-braza, o deus-brutalidade.

Um vento morno, assopra nuvens de poeira. Uma poeira vermelha que cega e entontece. No céu, as nuvens desapareceram e somente de longe em longe, surgem alguns farrapos brancos, como capuchos de algodão perdidos pelo ar.

De repente, porém, os olhos do viajante se deslumbram, se abrem desmesuradamente.

Pedras e mais pedras se elevam quaes gigantes, monumentos naturaes da natureza—, monolythos formidaveis, num desafio impertinente a todas as intemperies. Quem sabe das revoluções scismicas havidas naquellas paragens? Quem comprehende os mysterios havidos nas epochas prehistoricas naquelle mundo phantastico? E quem ciz da grandeza da *pedra da gulli-*

nha que vista ao longe, dá bem a impressão de uma gallinha no ninho? qual o pincel que traduzirá a belleza daquelle circulo de pedras?...

E no meio daquelle circulo dorme Quixadá... E no meio daquelle circulo adormece o «CEDRO», o açude celebrado, obra da engenharia franceza, sonho de Revy, complemento do ideal do velho Imperador!

E o scenario muda.

A vegetação é uma tonalidade de esmeralda. Os coqueiros espanejam o espaço, as bananeiras sacodem as folhas verdes numa dança de compassos rithmades.

E o açude apparece...

Na formidabilidade de suas três paredes, a obra do homem é como um sonho phantastico de Hoffmann. E as comportas abertas deixam que a agua se escôe pelos terrenos adjacentes, refrescando-os, embelezando-os.

Mas o lençol de aguas está baixo.

E diante da minha admiração, o engenheiro encarregado da conservação do açude, abrindo plantas, documentado em graphicos explica-me...

E o açude perde annualmente, em media, 1.000.000 de metros cubicos de agua em irrigação e 3.000.000 por evaporação.

E em vista da minha indagação porque esta agua em tão grande quantidade evaporada não sofre o phenomeno da condensação e retorna em chuva, elle me faz sentir a variação dos ventos, a inconstancia das correntes atmosphericas na terra cearense...

Deslumbra a grandeza do açude, mas, magôa a inclemencia do Sol!

O Ceara é como um gigante agrithoadó... Que vontade de ser maior, de ser mais forte!... Que força a do Destino!... Que barbaro o Dens-Sol!...

Como eu vi o Açude do Cedro

Impressões

de

vragem

MARTINS

VARELLA

M A R T E



**D. Maria Rosa
Caldas Lima,
esposa do snr.
Oswaldo Lima,
secretario da
superintenden-
cia do Trafego
da Pernambu-
co Trawmays
que faz annos
segunda - feira
proxima**

sua agilidade, a certeza no grego. Quando em impetos estouvados se atirava para mim, eu deveria arredar-me prestamente pois a sua amabilidade não conhecia limites. Marte não era discreto nem reservado... No seu entendimento de ente superior, todos os seus sentimentos tinham de ser manifestados com a mais cavalheiresca demonstração. Ignorava o fingimento. Tampouco a di. ti cção comedida de maneiras. A educação recebida não conseguira tolher-lhe os impulsos, sendo por demais espontaneo nos carinhos e nos rancores.

O seu olhar nunca se intimidava em frente de quem quer que fosse. As lisonjas inopinadas de estranhos não lhe satisfiziam a vaidade nem o illudiam em suas intenções. Era corajoso, desconfiado, e tinha garbo de provar que o era. A sua natureza exuberante de meridional, instigava-o a praticar actos heroicos, e tanto se commoveria sentindo ao lombo carnudo as mãozinhas reconchudas de uma criança, como despedaçaria sem piedade um inimigo do dono. Elle considerava-se feliz apenas entre os seus, sendo pouco sensível a afeição novas. A vida para Marte resumia-se em amor e fidelidade, porque não era dado a aventuras, nem o mysterio tinha a atracção para o seu espirito forte.

Quando evcco os primeiros annos de minha infancia, o meu coração conifrange-se numa saudade diifcil de esmorecer, pois vejo-o sempre ansioso para me servir, carregado nos dentes agudos os meus livros e os meus cadernos, ou então no quintal, estendido a meus pés, a fitar-me com seu olhar embevecido, indicando na sua muhez expressiva, que fosse quando fosse, ou succedesse o que succedesse, eu poderia sempre ter coniança nelle.

IRACEMA

GUIMARÃES

VILLELA

OUÇO dizer que tanto os escriptores como os farristas amam os cães e os gatos, por saberem comprehendidos por elles nas suas longas meditações e nas suas frequentes melancolias. Estou crente que assim é, pois meu pae tinha um bellissimo »1erra Nova» que ao partir me deixou uma profunda tristeza. Era um animal de bastos pelos pretos, com poucas malhas brancas, enorme, fogueo, assustando a minha fragil menicice perante o vigor de que dispunha quando o via correr para me alcançar pelo quintal lóra, como um allucinado.

Afim de patentear alguma borage, eu gritava de longe emquanto o coração me badalava desesperadamente dentro do peito:

— Marte! Marte! aqui já!

Elle precipitava-se com vivacidade derrubando-me quasi pela força de suas caricias. Em pe, era mais alto do que nm homem de estatura mediana. Meu pae alongava os braços, enquanto offegante de lingua de linhas de lóra elle ali fncava as patas valentes cheias de ardor e de juventude.

Era elle que me ia buscar e levar ao collegio. Tão depressa me annunciavam a sua chegada, eu

corria depressa para receber-lhe o acolhimento alvoroçado. Todo o seu grande corpo se agitava numa alegria barulhents, em que sua natureza generosa se expandia em latidos e correrias...

— Quietos! Marte — bradava eu buasi amedrontada — basta! Já sei que estás contente de me ver; eu tambem estou!... Socega!

Antes da benção paternal e dos carinhos da familia, era a sua ternura que me vinha regosijar. Depois, a meu lado como um guarda de vigilancia um tanto ameaçadora, o nobre amigo caminhava devagar, com orgulho, movendo a farta cauda, e levantando a todo o instante para mim — que o amava tanto quanto o temia — os seus negros olhos, estremecendo da dedicação, peçados de reconhecimento. E porque esse reconhecimento? Porque essa gratidão? Que recebia elle em troca? De que beneficios gosava para ella ser tão demasiada, tão sincera? O alimento? A casa de madeira que habitava? Era isso bastante? Obrigava a tamanho transbordamento de afeição?

Uma das minhas distracções era admirar-lhe a cor brilhante das linhas robustas, Elle possuía a graça masculina doe jovens athletas, a



CAIXA DA "A PLUMERIA"



MARCELLO (Capital) — Recebi a sua carta e a sua *Arte de Amar*. Vejo pelos termos da sua carta que você tem um espirito formosissimo, e avido de cousas bellas.

O incentivo que eu lhe procurei dar com a publicação do seu primeiro trabalho, foi precioso e daqui lhe envio o meu parabem mais sincero.

Você é bem diferente de alguns idiotas que se querem transformar em escriptores da noite para o dia. Como si escrever fosse a mesma cousa que almoçar, jantar e... dormir.

Você viu no meu estimulo o lado opposto da popularidade.

Porque na publicação que se faz do trabalho de alguém, não se deve enxergar a gloria de ver nas columnas da revista um nome subscrevendo um trabalho para a insaciedade do grande publico.

Deve-se ver uma outra gloria bem maior: a de ser comprehendido e sentido por uma intelligencia.

A publicação nunca é comparada a ventura de ser comprehendido.

E você, Marcello, tem a alma de um artista. Porque o verdadeiro artista ama demais as suas produções para entregal-as ao paladar de quem não pode alcançal-as em seu real valor.

Por tudo isto, meu caro, eu estou com o estimulo que eu lhe quiz dar, e que você alcançou e comprehendeu tão bem bem.

E para terminar vou publicar os seus dois trabalhos, meu caro Marcello.

Continue a mandar-nos cousas boas como a *Arte de Amar*.

SEAROM (Capital)—Recebi os dois poemas. E com franqueza, não gostei, seu Searom.

Estava acostumado aos seus poemas e cartas matutas, que diga-se a verdade, eram bem apreciados aqui em casa, e até publicados com certo relevo.

Entretanto agora o sr. entendeu de abandonar o seu genero matuto, para fazer cousas de *praciato*.

E a metamorphose foi tão brusca que as primeiras amostras cahiram na cesta.

Fal-a-lhe seu Searom, comprehensão de rythmo poetico e principalmente originalidade de forma.

Os seus dois poemas estão de tal modo redigidos, que não resistimos a tentação de transcrevel-os aqui sem qualquer commentario. (Mesmo que o commentario só lhe possa ser desfavoravel).

TRES PERGUNTAS. SOBRE VERSOS MODERNOS

Eramos tres apenas:

Tres rapazes na ilor da mocidade
Nas caladas da noite-horas serenas
De me'ancolia, de saudade...

Um falava ardente, satisfeito:
Mil Mulheres bellas dominado
Tinha; não havia no mundo mais ardente,
Mais fogoso rapaz - Apaixonado...

O segundo sorria indifferente
Um sorriso perverso, tão perverso.
Que é impossivel descrever no verso...
Amára Alguem-Amára certamente.
Nem paixão nem amor...
Um flirt apenas,
A su'alma devéras parecia...
Uma gruta fria, muito fria...

O terceiro falando e quasi mudo
Era Poeta no mundo amava tudo:
Amava o céo, a terra, o Bem, a graça...

Tinha uma alma plena de carinho,
Conhecia o prazer, nunca a desgraça
Mas a Mulher surgiu no seu caminho.

O Amor penetrou na sua alma
E desse dia, então tal qual um vinho,
O Amor tirou-lhe a paz e a calma.
(Inédito).

SEAROM.

TRES PERGUNTAS. SOBRE O AMOR...

POEMA MODERNO

Um dia perguntei a um sabio de valôr:
V Exa. poderá descrever-me o amor?

Oh! sim! filho, nasce o amor
D'um olhar, d'um sorriso, d'uma ilor,
D'um beijo innocente como d'uma
creança,
E de um coração alegre sempre
com esperança...
E, quando nós amamos, oh meu
rapaz
Vivemos a sofrer sem calma e
paiz,
Sujeito ao capricho da mulher
amada
E' tudo o que sei... é tudo ou
quase nada.

Depois eu perguntei a um velho professor:
Oh mestre! dizei-me!... sabe o que é amor?

— O amor é um balsamo que allivia
As nossas dôres, e que dia a dia
Elle, em paixão se resume.
Se tu amas, nunca tenhas ciume,
Porque elle nos traz desillusão
E sofrimento para o pobre coração,



Atende este conselho d'um velho professor
Que, por ter ciúme, perdeu o seu amor...

Mas, Mestre... Já-me solução:
Da onde nasce a paixão?

Oh filho!... aprenda esta lição
Que, da onde ella nasce, vou dar
definição.

(O amor é um anjo innocente
Como o rio do valle e a agua
corrente.)

No mundo sem amor não ha quem
passe,
E do encontro é que a paixão
nasce...

Um olhar, uma carta, os dois
E depois... depois... depois...
Um aperto de mão;
E o resto, o sacerdote dará a so-
lução.

(anedito).

SEAROM.

E até outra vista *seu Searom!*
Volte ás suas cartas da roça, que
eram tão boas e que o sr. aban-
donou injustamente.

DUQUE DE MIRCELLO (Capi-
tal)—Recebi os dois sonetos e a
phantazia.

E todos estão excessivamente
tetricos.

Quanto a forma nada posso di-
zer dos seus dois sonetos que se-
rão aproveitados em qualquer op-
portunidade.

A phantazia está ainda mais es-
cura do que os sonetos.

O seu estylo lembra qualque
coisa muito penumbrosa muito
fria.

E na época actual não se com-
prende trabalhos nesse genero.
Hoje em dia só se comprehende
cousas leves e suaves. Cousas
que a gente leia com prazer, sem
cansaço.

E os seus trabalhos deixam a
quem os lê, uma sensação de des-
gosto, de aborrecimento.

Por tudo isto, seu Duque de
Mirceol, eu lhe aconselho a pro-
curar fazer cousas mais modernas e
mais vividas.

Abandone os atavios honoríficos
do ducado e volte democratizado
com um poema moderno ou uma
chronica futil.

Em todo caso ahi fica a sua
Symphonia da loucura para justi-
ficativa do juizo que fizemos seu
respeito:



SYMPHONIA DA LOUCURA

Escurece depressa a tarde tão
bonita!

Os relampagos á guiza de men-
sageiros dos trovões que reboavam,
intermittentemente, passavam ce-
leres uma vassoura de luz na escu-
ridão fechadadas ruas.

A noite era mais negra.

A tempestade com recalcitrantes
caricias de hyena, teimava em per-
manecer na orgia que sonhara, em
dulce far niente.



Tudo num mutismo louco e
enervante de mumia quedava-se,
em face do tumulto da furia dos
elementos desencadeados...

Um jovem, de apparencia fidal-
ga, em contraste com os andrajos
que vergava, cabisbaixo, sobrece-
nhos carregados, nos labios um
rictus de ironia, andar tropego e
incerto que invocava a embriaguez,
caminhava, completamente enchar-
cado, como um espectro fugido das
profundezas de Barathro.

A's vezes experimentava uma
sensação de prazer desconhecido
em recebendo as rajadas de vento
frio e penetrante que fustigavam
desapiedadamente as faces descar-
nadas, divertia-se mergulhando os
olhos nos gastos nas poças d'agua,
e, vezes, arrepiava-se de gôso,
dilatando o accertar o ruido dos
tactos nas tagas das calçadas, ria-
se de aratadamente dos trejeitos
embaixadores do amuo Divino, ria
satanicamente da deselegancia de
um velho pardieiro, depois da luz
frouxa e bruxoleante de um l m e o.
que nas vascas da agonia tentava
apalpar o fio da existencia que
precipite fugia!...

E uma gargalhada estúpida e
nervosa em represalia ao uivar de
um cão, afogou-se na noite de
destino como se afoga na noite da
eternidade um pensamento!

DUQUE DE MIRCELLO

—Atenda ao nosso appello, sim,
mestre Duque.

CELYO DE ALMADA